

# **IV enanparq**

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

## **ARQUITETURA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: hospitalidade e ética**

SESSÃO TEMÁTICA: Arquitetura (e) ética

### **Autores**

**Eduardo Rocha**  
Professor PROGRAU/UFPeI  
amigodudu@yahoo.com.br

**Débora Souto Allemand**  
Professora CA/UFPeI  
deborallemmand@hotmail.com

**Lorena Maia Resende**  
Acadêmica FAUrb/UFPeI  
lorenamilitao@gmail.com

**Luana Pavan Detoni**  
Mestranda PROGRAU/UFPeI  
luanadetoni@gmail.com

**Rafaela Barros de Pinho**  
Mestranda PROGRAU/UFPeI  
rafaelaapinho@gmail.com

## ARQUITETURA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: hospitalidade e ética

### RESUMO

Fronteira não é linha, nem demarcação meramente espacial ou temporal entre dois pontos ou territórios. Em realidade é também – ponte, superfície de contato – estados-de-vida-em-aberto-e-em-potência, território de devir, lugar-não-lugar-comum de experimentação. Um grupo de viajantes-nômades-pesquisadores de diversas áreas do conhecimento percorreu a fronteira do Rio Grande do Sul/Brasil e o Uruguai, como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua. Este ensaio versa sobre agenciamentos operados sobre esse território, entre a arquitetura experimentada em uma viagem nômade e, os conceitos de hospitalidade em Jacques Derrida e fronteira em Gilles Deleuze. A partir da pedagogia da viagem, uma espécie de coexistência entre o pensar e o escrever, pedagogia do entre, da fresta nas cidades, que permite experimentá-las, descobri-las e vivê-las inventando novas relações, para fazer emergir quem sabe relações menores, desterritorializantes, provocando novos encontros e acontecimentos (hospitalidades e hostilidades). Tudo com certo poder de *afectar* e de ser *afectado*. Não separando mais sujeito e objeto, arquitetura e usuário, espaço público e privado, Brasil e Uruguai. O processo da viagem pode ser dividido em três grandes etapas: a primeira se refere aos antecedentes e preparativos da viagem (a expectativa/ansiedade), a segunda ao acontecimento da viagem (a experiência) e por fim o retorno (a pausa/reflexão). Com o propósito inicial de certificar, ou não, o discurso hegemônico incorporado à fronteira Brasil-Uruguai, durante a viagem cada viajante possuía sua (i)metodologia de pesquisa, aproveitando a oportunidade para vivenciar/pesquisar temas diversos, múltiplos e atravessados. Visto a hospitalidade, como um dos temas centrais da ética contemporânea, sem o qual não existe qualquer tipo de vínculo social, observamos a fronteira profunda (pontes), a fronteira rasa (ruas e praça), e as arquiteturas na fronteira (aduanas e ruínas). A experiência passa, acontece e toca. O movimento pelas arquiteturas das fronteiras deixou marcas nos *córpous* viajantes-nômades-pesquisadores e nos territórios sentidos.

**Palavras-chave:** Fronteira. Hospitalidade. Arquitetura. Ética.

## ARCHITECTURE IN THE BORDER BRAZIL-URUGUAY: hospitality and ethic

### ABSTRACT

Border is not line, nor merely spatial or temporal demarcation between two points or territories. In fact it is also - bridge contact surface - state-of-living-in-open-and-in-power, territory becoming, place-not-commonplace trial. A group of nomads-researchers-travelers from different areas of knowledge toured the border of Rio Grande do Sul/Brazil and Uruguay, as strangers and wanderers, in a (i)continuous logic. This essay focuses on assemblages operated on this territory between architecture experienced in a nomadic travel and hospitality concepts in Jacques Derrida and Deleuze in border. From the teaching of the journey, a kind of coexistence between thinking and writing, of between pedagogy, the crack in the cities, which lets try them, find them and live them inventing new relationships to emerge who knows relationships smaller, deterritorializing, causing new meetings and events (hospitalities and hostility). All with some power to affect and be affected. No more separating subject and object, architecture and user, public space and private, Brazil and Uruguay. The travel process can be divided into three main stages: the first refers to history and travel arrangements (the expectation / anxiety), the second to the event of the trip (the experience) and finally the return (pause / reflection). With the initial purpose to certify or not the hegemonic discourse incorporated into the Brazil-Uruguay border, during the trip every traveler had its (i)research methodology, taking the opportunity to experience / research various topics, multiple and crossed. The hospitality like a central themes of contemporary ethics, without which there is no kind of social bond, observed the deep border (bridges), the shallow border (street and square) and architectures at the border (customs and ruins ). The experience goes, it happens and plays. The move by the architectures of borders left marks on their bodies-nomadic travelers, researchers and the senses territories.

**Keywords:** Border. Hospitality. Architecture. Ethic.

# 1. A FRONTEIRA

*Nós não atravessamos as fronteiras; as fronteiras  
atravessaram-se entre nós.*

*(autoria desconhecida)*

Este ensaio aborda agenciamentos<sup>1</sup> a partir de uma experiência ética na fronteira, entre a arquitetura experimentada em uma viagem nômade e, os conceitos de hospitalidade em Jacques Derrida e fronteira em Gilles Deleuze, operados em doze cidades que se encontram na fronteira do Rio Grande do Sul/Brasil e o Uruguai, mas especificamente no que encontramos nas proximidades/sobre a linha<sup>2</sup> de fronteira que divide Brasil e Uruguai. Partindo da cidade de Pelotas rumo as cidades gêmeas de: Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Unión e Aceguá-Acegua, o grupo de 22 (vinte e dois) viajantes-nômade-pesquisadores (estudantes, professores e profissionais<sup>3</sup>) de diversas áreas do conhecimento (arquitetura, urbanismo, artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história) percorreu esse território em seis dias como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua.

Segundo o Estatuto da Fronteira (Pucci, 2010) enquanto o limite é a linha que separa o território de dois estados, a fronteira é a região ao redor do limite. Originalmente a fronteira era entendida como a área instável de transição entre dois poderes políticos, sem a presença do poder, entretanto a partir do século XVI, com o surgimento do Estado burguês, desenvolveu-se a teoria jurídica do território, para atender a organização do espaço econômico. Hoje a faixa da fronteira, unidade espacial de 150 km de largura entorno do limite, determinada pela Constituição Federal de 1988 trata a área como indispensável à segurança nacional. A hostilidade presente na delimitação desse território também reconhece a fronteira como "para-choque" de soberanias, e destaca os desafios do progresso tecnológico, da internacionalização dos fatores de produção e da mobilidade do investimento estrangeiro (Pucci, 2010).

---

<sup>1</sup> Um agenciamento, a partir da filosofia deleuze-guattariana, comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quando social, maquínica, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir o "complexo" freudiano.

<sup>2</sup> Linha de fronteira é a borda ou o limite geográfico, diferente de faixa de fronteira que abarca uma dimensão de 150km em torno da linha de fronteira. A linha de fronteira é um como um traçado imaginário na periferia geográfica das nações, estabelecimento jurídico que separa os povos ou, ainda, ponto de junção entre nacionalidades (Campigoto, 2008).

<sup>3</sup> São eles: Ana Vieira, Adriana Ança, Cláudia Brandão, Dianine Cerson, Eduardo Rocha, Enéia Munhoz, Gabriela Cavalheiro, Gustavo Reginato, Ítalo Franco, José Curbelo, Laís Portela, Lorena Maia, Luana da Costa, Luana Deroni, Mariana Corteze, Pierre dos Santos, Sarah Dorneles, Rafaela Barros de Pinho, Rodrigo de Assis, Rubens Leal, Thays Afonso, Vanessa Forneck. <http://www.paraformalnafronteira.com>

Gilles Deleuze, ao discutir a possibilidade do sentido, fala que o sentido está "na fronteira", em vez de alturas e profundidades, importa a ele a superfície de contato, o avesso que continua no direito. Trata-se da linha que separa as coisas das proposições sobre elas. Paul Valéry (1996), por sua vez, fala do movimento, daquilo que não é nem vida nem morte, mas está "entre eles". Fronteira não é linha, nem demarcação meramente espacial ou temporal entre dois pontos ou territórios. Não é uma marca de delimitação. Em realidade é também – ponte, corda, mas não é, absolutamente, esse o sentido comum – senso comum - que interessa. Zona de vizinhança, indiferenciação ou indiscernibilidade (Deleuze, 1997), esses são os outros nomes de fronteira que interessam, pois eles não são apenas nomes, mas estados-de-vida-em-aberto-e-em-potência. Um espaço ou um território de fronteira é, por excelência, um território de devir. E devir não é evolução ou uma seta teleológica. Devir é uma Zona de Experiência, lugar-não-lugar-comum de experimentação. Esta Zona é senão um lugar, mas uma aura imersiva composta de fragmentos do acaso como condição do devir, o que possibilitou aos viajantes que esta linha fronteira mantivesse um fluxo instável de acasos, de perceptos de si no deslocamento geográfico; recompondo-se aglutinados e justapostos a espaços-fronteiras-zonas-territórios.

Um espaço-território de peste artaudiano<sup>4</sup>. Fronteira é um espaço de vizinhança no qual não há síntese entre dois elementos que geram um ponto-estático que deve ser – novamente - negado para que outra síntese aconteça; mas, sim, experiências entre duas ou mais partículas ou ações ou afetos em velocidade que criam potências. Em virtude disso, não há dialética ou evolução ou teleologia na fronteira, mas potências de multiplicidades das quais nascem turbilhões, fissuras, involuções, quebras, rizomas, velocidades e, até mesmo, sínteses. Assim fronteira é um espaço de criação, recriação e conflitos. Território de velocidades e não de repouso.

Fronteira não é um ponto, nem linha, nem demarcação, mas movimento, ação, potência, devir, velocidade. Ora o que é a pele senão a superfície corpórea? Portanto, segundo Valéry (1996), a pele é a superfície e, assim sendo, o mais profundo é a superfície. Paradoxo da superfície. Paradoxo Valéry. Mas o que é a superfície ou a pele senão o próprio envoltório da fronteira? A pele é o corpo e, ao mesmo tempo, a matéria incorpórea da fronteira, pois é no território-pele que está o mais profundo da superfície, pois a pele – corpo em si paradoxal - é o território próprio da atualização - recriação em turbilhão de virtuais e atuais: movimentação da fronteira.

---

<sup>4</sup> Antoine Marie Joseph Artaud, conhecido como Antonin Artaud (Marselha, 4 de setembro de 1896 — Paris em 4 de março de 1948) foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo, foi expulso do movimento por ser contrário a filiação ao partido comunista. Sua obra *O Teatro e seu Duplo* é um dos principais escritos sobre a arte do teatro no século XX, referência de grandes diretores como Peter Brook, Jerzy Grotowski e Eugenio Barba.

Esse movimento-ação gera um território-pele absolutamente dinâmico, pois ele se desterritorializa em *continuum*<sup>5</sup> e ao mesmo tempo se reterritorializa em *continuum* nele mesmo, em um tempo menor do que o mínimo pensável. Por isso instável, incerto e indeterminado. Em virtude disso que a fronteira também é lugar de conflito, pois ela é sempre móvel nesse turbilhão. É na pele, nessa linha entre um possível dentro (dobra do fora) e um possível fora (desdobra e projeção do dentro), que se encontra a fronteira.

Então, a fronteira não está na pele, já que é a própria pele, e nela que essa dinâmica atualização-virtualização, em turbilhão espiralado - porque não circular, porque nunca atravessa o mesmo ponto - acontece. É a pele que é esse *continuum* de movimento de virtualização-atualização impensável, incerto, indeterminado: dinâmica de atualização que emite e absorve virtuais. É nesse território-pele que está à memória enquanto duração e acúmulo de virtuais no presente, recriando-se – e, portanto, atualizam-se - a cada instante. A memória se territorializa na pele, no mais profundo da derme. Pele – memória – fronteira, ou ainda Memória – fronteira – Pele, ou ainda fronteira – pele – memória.

Voltando a Valery, percebe-se que o mais profundo é a fronteira. Assim, a fronteira não está distante, ou seja, a mais longínqua fronteira é a própria superfície-território da pele. A fronteira sempre está próxima – basta ativá-la, basta transbordá-la nela mesma, já que ela mesma é o limite. Além da fronteira mais fronteira, além do limite, mais limite. Fronteira é pele e, nesse sentido, o mais profundo é também o mais próximo, o mais superficial. Esse espaço de fronteira – território-pele - é justamente o platô no qual respiram os corpos nômades. E o corpo nômade respirando não é aquele que não possui qualquer território, mas é justamente aquele que se territorializa no próprio movimento de desterritório. O nômade é pele.

A terra do corpo nômade é uma ação de potência, uma ação de possibilidades. Nesse sentido, ninguém mais aterrado que o corpo nômade, pois ele está quase sempre em velocidade, sempre em possibilidade de formação. Uma velocidade aterrada na ação de potência, aterrada na própria potência, no território de fronteira, na zona de experiência e possibilidades: velocidade aterrada - esse é o paradoxo do corpo nômade. Assim, a terra do nômade é a fronteira, mas cuidado: o nômade constrói a fronteira em sua velocidade aterrada. Na medida em que caminha, o corpo nômade potencializa a própria experiência de ser nômade, deixando, atrás de si, um rastro de possibilidades, um rastro de peste que pode gerar novos contágios. Um corpo nômade não descortina ou descobre fronteiras, ele as constrói em sua

---

<sup>5</sup> *Continuum* Do Latim: é o conjunto de elementos tais que se possa passar de um para outro de modo contínuo. *Continuum* espaço-temporal, nas teorias relativistas, espaço de quatro dimensões, cuja quarta é o tempo.

ação de potência e, ao mesmo tempo, a fronteira, como território de ação em desterritorialização abarca o corpo nômade. Retroalimentação.

Relação de puro Espaço de Escher<sup>6</sup>: Qual mão desenha qual? A fronteira não preexiste, pois ela sempre é criada e recriada. Por isso a fronteira não é somente mapa-espacial, mas abarcam também relações, criações, pensamentos, configurando-se como e na arte, como e na ciência, como e no espaço de possibilidades de todas as áreas, tempos e espaços.

Essa fronteira, portanto, não existe na linha geográfica que delimita os países Brasil-Uruguay; ela se constrói e é criada-recriada na ação de um corpo nômade que se aterra no território em ação de desterritorialização, ou seja, na potência, na Zona de Experiência. Lançar um corpo cotidiano na fronteira é, portanto, lançá-lo no nomadismo, ou seja, na ação ativa de possibilidades. Não arquiteturas do abandono (corpos) dóceis, mas arquiteturas (corpos) potentes. Não passivas, mas ativos.

Nem na vida, nem na morte: na fronteira e, para nós, a fronteira é sinônimo do movimento. É esse espaço ideal, essa zona de indeterminações e lapsos propícios ao pensamento, o qual possibilita a contaminação de diversos componentes, já que perderam o caule transcendental que os elegia como corpos incomunicáveis. É o espaço ideal da tela de cinema, tão cara a Deleuze (2007), onde o mundo vibra em uma heterogênea composição de cores, tons, frequências, velocidades, realidades, perspectivas e matizes no domínio de um horizonte único, de uma unidade pulsante e, por isso, antípoda dos nivelamentos e homogêneses. É a afirmação do uno, sim, mas que se dá na unidade vital e apenas nela, um uno que só pode ser atingido pela multiplicidade, pelo fragmento, pela força diferencial e através deles apenas. É um uno que bebe em Leibniz (Deleuze, 1998) e em seu Deus-mônada e, encena uma relação especular e conflituosa com filósofos da identidade unívoca, como Parmênides e sua matéria imóvel, admitindo unidade formal e pluralidade sensível, mas que os transgridem em benefício da diferença pura.

O fato é que com Gilles Deleuze essa simbiose perfeita da santíssima trindade composta pela representação, à inteligência e à verdade: não é calada, mas invertida. O desejo, as pulsões parciais, corruptelas imperfeitas do ser total e vistas como deficitárias, mesmo por Freud, como falta a ser sanada, enfim, tudo aquilo que a filosofia da representação evita, ou seja, o

---

<sup>6</sup> Maurits Cornelis Escher (Leeuwarden, 17 de junho de 1898 — Hilversum, 27 de março de 1972) foi um artista gráfico holandês conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e meios-tons (*mezzotints*), que tendem a representar construções impossíveis, preenchimento regular do plano, explorações do infinito e as metamorfoses - padrões geométricos entrecruzados que se transformam gradualmente para formas completamente diferentes. Ele também era conhecido pela execução de transformações geométricas (isometrias) nas suas obras.

erro é aqui tomado como potência, como via de acesso e ponto de partida não à filosofia, mas ao pensamento. Desejar uma arquitetura do abandono é uma potência a ser encarnada.

A estética triunfa sobre a ética. A hospitalidade, vista por Derrida (2003) enquanto condição fundamental à ética contemporânea aponta a alteração de valor da moral, e não a sua ausência, passando da ideia de bem para a de bem estar. Diversos estilos de vida são tolerados, regras e normas são aceitas desde que se voltem para um melhor de si, sendo importantes ou necessárias para a experiência.

Será esse o desafio da experiência ética da arquitetura na fronteira que se aproxima da hospitalidade derridiana? Serão os arquitetos (viajantes e pesquisadores) permanentes estrangeiros que nunca falam a sua própria língua ou nunca rasgam sua própria pele?

## **2. A VIAGEM NA FRONTEIRA**

A pedagogia da viagem acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali – ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – “porque de certa forma conhecemos para onde vamos” – pode nos apontar novos e diversos caminhos a seguir (pensar). E no mesmo caminho abrindo brechas para expandir nossos próprios caminhos e sempre reorientar criticamente nossas concepções (cartografia). Então podemos dividir a experiência da pedagogia da viagem em 3 partes: temos uma bagagem antes da viagem, preparamos as malas com as intenções da viagem; viajamos e nos abrimos ao novo, carregamos coisas pelo caminho e deixamos outras e; por fim chegamos, desfazemos as malas, com todas as coisas coletadas junto com as que levamos, é preciso organizá-las, pensá-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer (resistências).

Seguimos na pedagogia da viagem uma espécie de coexistência entre o pensar e o escrever. A escrita como uma espécie de declaração do pensamento. Enquanto o pensamento é orgânico, vai e volta, segue o caminho, entra em atalhos e becos, atravessa muros, erra a passagem e flui com a vida (rizoma).

A viagem possibilita ver a vida, a ciência e a educação para além do pensamento dicotômico do mercado diário da educação. Um mercado da antecipação das respostas, “mais seguro”, onde não se podem fazer novas perguntas. A pedagogia da viagem ao contrário, baseada em Popkewitz (2001) que nos indica que devemos buscar perguntas, as respostas não as extinguem ou reduzem. “Que nem o homem, nem a vida, nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e passivamente à curiosidade do saber” (Foucault, 1987, p.87).

Na universidade nos habituamos a coincidir respostas, os métodos de pesquisa dizem que estamos em busca, mas nos apontam diversas respostas prontas e imediatas.

Seria essa uma pedagogia da viagem, uma pedagogia do entre, da fresta nas cidades e nas concepções de qualidades de um bom lugar. Por outro lado, essas experiências no entre, são do que se agita na fresta, “o sentido é apenas um vapor movendo-se no limite das coisas e das palavras” (Deleuze, 2006, p. 225). Por isso adentrar no mundo da viagem nas frestas da cidade é da ordem da complexidade e das multiplicidades. A pedagogia da viagem por frestas permite experimentá-las, descobri-las e vivê-las inventando novas relações, para fazer emergir quem sabe relações menores, desterritorializantes, provocando novos encontros e acontecimentos (hospitalidades e hostilidades).

Durante a viagem a fragmentação da informação e do tempo transforma-se constantemente e misturam-se com os diversos interesses e fugas que a própria viagem proporciona. Tais fugas atravessam esse eixo central da problemática de tal forma a transformá-lo e transmutá-lo, em um núcleo de interesses bastante flutuante e inesperado.

Ao redor dos registros fotográficos identificamos diversidades de olhares e sensações: fotografar, escutar, escrever, mapear, anotar, rascunhar, relatar, falar e “pensar”. Junto a esses movimentos identificamos vários espaços de espera e deslocamento, espaços de pensamento vazio – paradas, necessários para a elaboração e avanço das problemáticas. O tempo da experiência in loco (nas áreas centrais das cidades) e o tempo da experiência estendida (na estrada e nos hotéis).

São nessas fendas, na viagem, que passam a predominar a troca e a coexistência entre modos de vida distintos, sem que um modelo ideal de sociedade – determinado – venha a se sobrepor a outras formas de olhar e de compreender a existência e o mundo. Coexistentes.

Coexistência entre uma ou mais cidades, um ou mais corpos, compondo uma fronteira que, ao mesmo tempo, contém essas naturezas diferentes, bem como as relações e trocas que elas estabelecem entre si. No sentido de desvelar as qualidades dos lugares experimentados e desnudá-los. Tudo através de uma superfície de contato, ou seja, uma superfície que congrega elementos sensíveis. Próxima do plano de imanência proposto por Espinosa, no qual se diferenciam as coisas ditas artificiais e naturais, quanto tanto das do espírito como as dos objetos do mundo exterior.

Como se pudessem coexistir vários mundos, mesmo no interior de uma composição maior – duas ruas, em duas cidades, em dois países, dois continentes e assim por diante –, sem que sejam todos reduzidos a um mesmo e único mundo. A partir daí, pode-se pensar a constituição de um “corpo” múltiplo. Por exemplo, composto de vários indivíduos, com suas relações

específicas de velocidade e de lentidão. Um coletivo pode ser pensado como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e lentidão.

Mas, como pensar a consistência deste “conjunto” composto de singularidades, de multiplicidade, de elementos heterogêneos? Deleuze e Guattari (1992) invocam com frequência um “plano de consistência”, um “plano de composição” e um “plano de imanência”. Num plano de composição, trata-se de acompanhar as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável, dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e *afectos*. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. Num plano de composição o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados, e também como favorece acontecimentos múltiplos.

Tudo com certo poder de *afectar* e de ser *afectado*. Não separando mais sujeito e objeto, arquitetura e usuário, espaço público e privado, Brasil e Uruguai, mas entendendo as qualidades dos espaços públicos dessas cidades como entidades que carregam potência de agir, ou como Espinosa mesmo coloca: “força de existir”. Essa potência envolve *afecções* e afetos, os quais vão se desencadeando, se articulando e se desdobrando quando ocorre o encontro entre corpos. As *afecções* são estados que um corpo imprime em outro por meio de sua força de existir, já os afetos são transições vivenciadas entre uns e outros estados do corpo, ou seja, enquanto durações que os conectam e os fazem permanecer à deriva num território de puro movimento.

No entanto, acessar essa transitividade própria do afeto requer um estado de suspensão, o qual significa imergir numa interrupção temporária, na qual todas as certezas de identidade e permanência se dissolvem para dar lugar à diferença e ao desequilíbrio: uma zona que, até então, parecia abrigar apenas respostas neutras, únicas, lineares e convencionais, revela-se com a interrupção, um pleno território de forças. É nessa suspensão que o espaço onde ocorre a “coexistência” se efetiva enquanto espaço desprovido de materialidade ou de gravidade, preenchido apenas por fluidez e movimento. Sendo essa suspensão que permite, aos elementos, atravessarem o campo onde formam relações e entrelaçarem suas forças de existir.

Gilles Deleuze, em parceria com Félix Guattari, sob a influência de Espinosa, Nietzsche e Bergson, criticam os postulados da representação e propõem a apreensão das diferenças em si, também denominadas singularidades, todas as singularidades.

Entendem-se as qualidades do espaço rizomáticas, onde a realidade é concebida como coexistência e conexões entre vários rizomas que estão em constante transformação. Essas conexões, mais do que complementar os elementos que as compõem, podem criar o novo, operar a favor da invenção.

Conexões, não só entre as subjetividades humanas, mas entre todo o tipo de intensidade existente. Dessa maneira, existe um corpo de sentido – arquitetura – que não é algo corpóreo, semelhante ao corpo humano, mas que diz respeito aos incorporais, ou seja, aos efeitos, aos acontecimentos, os quais têm sua origem na relação entre os corpos e não possuem identidade plena e imutável. Cada encontro e cada situação possuem efeitos que emergem nas relações estabelecidas e nas conexões que os compõem. Essas conexões se dão entre as intensidades, corporificadas ou não, criando e recriando incessantemente o que é e o que está por vir.

Nessa lógica, as dicotomias perdem o sentido, uma vez que não há lugar para oposição em uma forma de pensamento que defende a multiplicidade e a heterogeneidade. Não há lugar, também, para as hierarquias, já que há um descentramento, permitindo infinitas ligações e religações de quaisquer partes dos rizomas, sem privilégio de umas sob as outras. Cabe ressaltar que a filosofia da diferença sustentada pelo raciocínio de imanência, propõe outro modo de conceber a vida. Rompemos com a forma de pensar o que são essas “qualidades”, no sentido da representação clássica, bem como tudo que está impregnado nela. Combatendo a moral, as ideias de transcendência e de verdade absoluta para que a vida possa fluir, sem que fique aprisionada a conceitos transcendentais, superiores.

Construções da diferença, as quais buscam conhecer a diferença em si, o singular. Singularidade não como sinônimo de particularidade, mas no sentido de combinações de forças originais, inéditas e provisórias, que só podem ser conhecidas após sua composição e antes de serem novamente capturadas. Assim, o singular não se refere ao individual, mas ao original, pois as combinações de forças, que inauguram constantemente o singular são dinâmicas e produzidas nos agenciamentos e nas conexões com outras forças provenientes da exterioridade. Toda essa forma de pensar é que sustenta nossa análise de encontro e das forças e dos *affectos* que nelas circulam.

A viagem por toda linha fronteira Brasil-Uruguay possuía um propósito inicial de certificar, ou não, o discurso hegemônico incorporado à essa fronteira. Como se todas as doze cidades apresentassem características análogas pelo único fato que as tornam semelhantes: ser fronteira.

A princípio os viajantes, nômades e estrangeiros seriam os pesquisadores-arquitetos-urbanistas imersos na busca de mais “perguntas-respostas” das inquietações sobre o entendimento de fronteira. No entanto, sentiu-se a necessidade de captar outros olhares<sup>7</sup>. O arquiteto-urbanista consegue observar detalhes e nuances das ruas, a relação com as edificações, seu entorno ou os fluxos. Mas não possui os *perceptos* de outros profissionais como os da área de artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história, observadores de outras infinitas singularidades.

Por ser uma viagem contínua, até então nunca realizada com o intuito de registro e pensamento, aproveitamos a oportunidade para vivenciar/pesquisar temas diversos, múltiplos e atravessados, incluindo a correlação da experiência da viagem com os conceitos de hostilidade e hospitalidade.

O processo da viagem pode ser dividido em três grandes etapas: a primeira se refere aos antecedentes e preparativos da viagem (a expectativa/ansiedade)<sup>8</sup>, a segunda seria o acontecimento da viagem (a experiência)<sup>9</sup> e por fim o retorno (a pausa/reflexão).

---

<sup>7</sup> A viagem faz parte da metodologia do projeto de pesquisa “*O Para-formal na fronteira Brasil - Uruguai: controvérsias e mediações*” do Laboratório de Urbanismo (Laburb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com uma parceria do Centro de Artes (CA) e o Laboratório (como chama o laboratório da Cláudia?). O projeto teve início no ano de 2015 e se estende até início de 2017. A pesquisa é dedicada a dar voz e visualidade a “para-formalidade” nas cidades da fronteira-sul que fazem a divisa/união entre Brasil e Uruguai (Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Jaguarão-Rio Branco, Barra do Quaraí-Bella Unión, Chuí-Chuy e Aceguá-Aceguá), a partir de cartografias urbanas e sociais, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de website (<http://www.paraformalnafronteira.com/>). Os lugares considerados “para-formais” nesse projeto são aqueles que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), constituídos por três pontos essenciais: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; a cidade em desagregação, os processos de acordos urbanos conflitivos, friccionantes ou catastróficos e; as situações urbanas onde existam fortes “indiferenças” estratégicas entre os atores. O objetivo geral da proposta é compreender e sistematizar as “para-formalidades”, encontradas nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai, utilizando como metodologia para a coleta e análise de dados: a “cartografia urbana”; com a intenção de dar visualidade aos fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade.

<sup>8</sup> A primeira fase de preparação, que teve início em junho de 2015, foi composta por algumas etapas. Primeiramente, se fez uma pesquisa breve das doze cidades - perímetro urbano, população, densidade, clima, IDH, PIB, atividade econômica predominante e instrução – além da análise do Estatuto da Fronteira. Em um segundo momento, em setembro de 2015, a criação de Edital para a seleção dos viajantes, que foi aberto a qualquer pessoa que tivesse algum estudo/interesse na fronteira, independente da área de conhecimento. Foram disponibilizadas quinze vagas, além de nove vagas para os alunos e professores envolvidos com o projeto, em um total de vinte e quatro viajantes. O grupo selecionado conseguiu abarcar diferentes áreas: artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, turismo, letras, música, história, arquitetura e urbanismo. Dentre alunos, mestrandos, doutorandos e professores. É importante ressaltar que cada integrante tinha livre escolha sobre o tema a ser pesquisado, não existia uma cobrança e/ou obrigação dos organizadores. A intenção era a troca de experiências, os relatos da vivência e a coleta de informações. Ainda na fase inicial, depois de terem sido selecionados os viajantes, quatro encontros foram marcados ao longo dos meses que antecederiam a viagem. Nesses encontros aconteceram conversas expositivas da proposta da viagem, mostra dos trabalhos de cada viajante, além de relatos e filmes de outros viajantes que percorreram por algumas cidades da fronteira. Essa fase foi muito importante para que a equipe se conhecesse e identificasse os diferentes trabalhos a serem realizados. Cada viajante recebeu um diário de viagem criado pelo Laboratório de Urbanismo. O diário era composto por: cronograma de viagem, mapa geral do percurso, informações diretas de cada cidade; um mapa geral e outro com zoom no centro de cada cidade; localização do hotel e de restaurantes próximos e folhas em branco para anotações. O intuito do diário era promover um aparato para coleta de dados, percepções, sensações, descrições que cada integrante poderia obter. Uma forma de registro. Esta primeira fase ainda contou com a organização do calendário, a coleta de documento dos passageiros e contatos, pagamentos da empresa de ônibus e hotéis e a criação de um website para divulgação da pesquisa.

<sup>9</sup> A viagem aconteceu do dia 14 de março até 19 do mesmo mês de 2016. O trajeto escolhido foi resolvido juntamente com os responsáveis da empresa de transporte, priorizando as vias do lado brasileiro e com melhores condições de tráfego. Também foi levado em conta o tempo de viagem entre cada cidade, tentando não ficar muitas horas na estrada, o que a tornaria mais cansativa.

O trajeto da viagem, como mostrado na figura 1, teve início no dia 14 de março de 2016, saindo da cidade de Pelotas até as cidades de Chuí-Chuy, no fim da tarde chegamos as cidades de Jaguarão-Rio Branco, onde ficamos todo o dia 15 de março de 2016, saindo no fim de tarde a caminho de Santana do Livramento-Rivera, final do dia 16 de março de 2016 viajamos até Quaraí-Artigas, conhecemos as duas cidades no dia 17 de março de 2016 e, também no fim do dia seguimos para Barra do Quaraí-Bella Unión, onde passamos todo o dia 18 de março de 2016, saindo no término do dia para Aceguá-Acegua, trajeto mais longo, no dia 19 de março de 2016, conhecemos estas cidades e retornamos para a origem, Pelotas. Totalizamos aproximadamente 25 horas e 2.110km para percorrer todo o trajeto.

Durante a viagem cada viajante possuía sua (i)metodologia de pesquisa, existia aquele que coletava tipos de pedra, outro pesquisava o cardápio dos restaurantes, as gravações das diferentes linguagens (português, espanhol e portunhol), medição das vias, conversa com os moradores, fotografia das edificações, de pessoas, dos parques, enfim uma infinidade de aproximações. As vezes caminhavam em grupo, outras vezes sozinho. Não existiam regras, obrigações - a não ser os locais combinados de saída do ônibus para próxima cidade – toda forma de experiência era válida. Alguns se perdiam, ficavam para trás, mas em seguida retornavam e seguiam na viagem juntos.

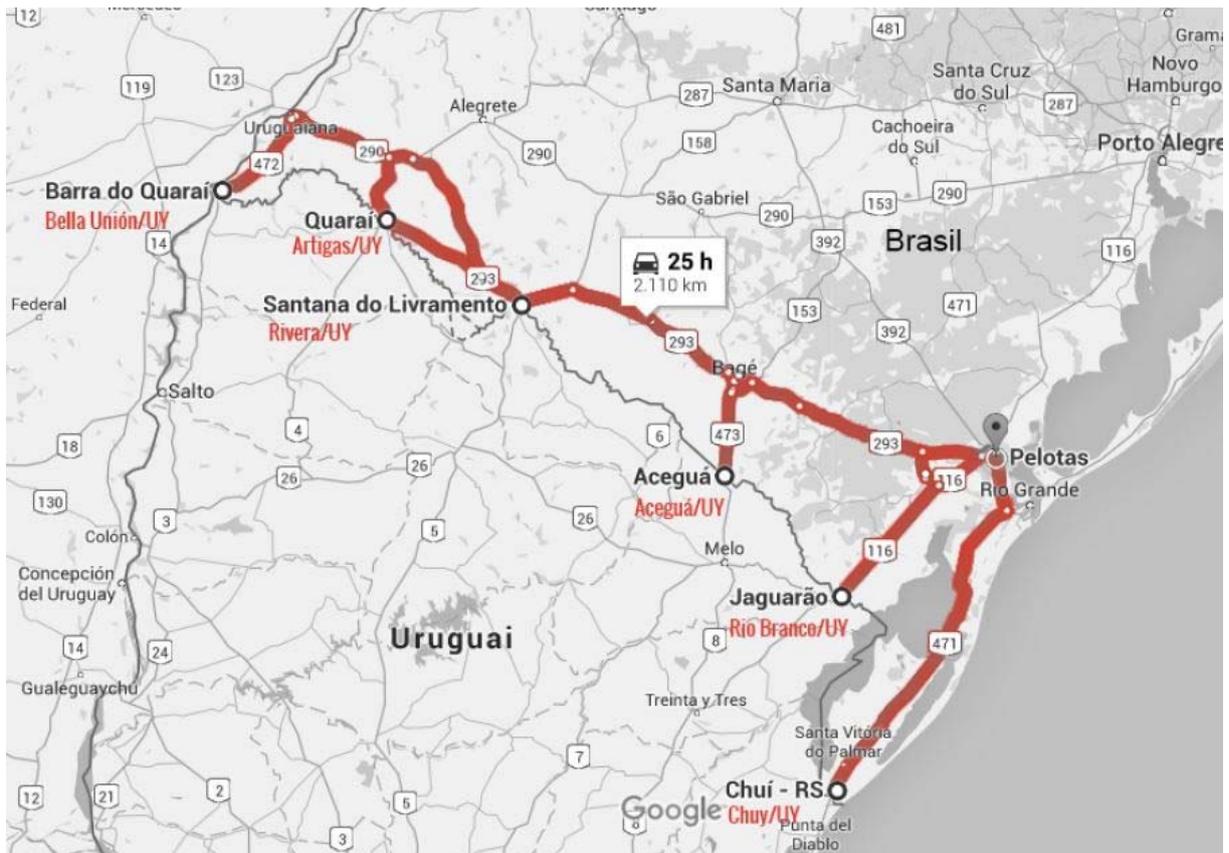


Figura 1 – Trajeto percorrido na fronteira Brasil-Uruguay. Fonte: Google Maps, 2016.

No fim de cada dia reuníamos o grupo para relatar sobre os *perceptos* e *afectos*<sup>10</sup> sentidos naquela cidade, nos trajetos, com as pessoas, etc. Eram conversas interessantes com opiniões diversificadas, concordâncias e discordâncias. Momento para troca de fotografias e atualização do website.

No retorno sentimos o corpo cansado e o pensamento inquieto. Uma semana em movimento contínuo e em cada lugar um novo encontro e uma nova expectativa. Agora a pausa – a

<sup>10</sup> Os perceptos e afectos são sensações, são seres, que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Os perceptos e afectos existem na ausência do homem. O afecto não é a passagem ou transformação de um estado vivido a um outro, mas o devir não humano do homem, uma sensação, algo que passa de um ao outro. O afecto não ultrapassa menos as afecções que o percepto as percepções. Os perceptos podem ser telescópios ou microscópios, dão aos personagens e as paisagens dimensões de gigantes, como se estivessem repletos de uma vida à qual nenhuma percepção vivida pode atingir. Os perceptos são seres de sensação que conservam em si a hora de um dia, o grau de calor de um momento. Os afectos são devires não humanos da do homem. Os perceptos são as paisagens não humanas da natureza. O percepto não é percepção, pois ele é independente do estado daqueles que os experimentam; o afecto não é sentimento ou afecção, ele transborda a força daqueles que são atravessados por ele. Ver mais em: Boutang, P. A. (Diretor). *o abcdário Gilles Deleuze* [Filme Cinematográfico]. Paris, 2004.

espera e o pensar. É tempo de colocar cada pensamento no seu lugar e tentar cartografar a complexidade da fronteira. O processo de desfazer a mala é também de vivenciar memórias.

Os diários de viagem foram recolhidos, dando uma sensação de roubo das diferentes bagagens que cada um carregou pelo caminho. O bloco de anotações que no início era o mesmo para todos, no retorno tomou corpo, quer falar, possui traços, desenhos, palavras, fotografias e impressões digitais.

E a partir dos relatos das experiências na viagem – a própria vivência – criam-se planos e atravessamentos para contrapor o discurso hegemônico de uma fronteira única, para construir uma fronteira carregada de heterogêneos e complexidades.

### **3. A FRONTEIRA NA FRONTEIRA: hospitalidade e hostilidade**

A fronteira Brasil-Uruguai recebe epítetos de fronteira-viva, fronteira-modelo, fronteira da paz, sendo considerada a fronteira mais aberta, densa e homoganeamente povoada. Antagonicamente à essas adjetivações apontadas por Adriano Silva Pucci (2010) no *Estatuto da Fronteira*, os viajantes-nômades-pesquisadores relataram experiências em um território heterogêneo, de fronteiras singulares em cada encontro, seja pelas pontes sobre as águas, ou secas através das ruas e das praças. Esses agenciamentos, fazem alusão à uma fronteira filosófica em uma fronteira arquitetônica, urbana e geográfica,

A hospitalidade é construída de antagonismos. É imprescindível um hospedeiro para que exista um hóspede, assim como é necessária a diferença para que se conheça o princípio mais próximo de nós mesmos. Além da própria hospitalidade que só é possível se “coexistir” a hostilidade. O conceito de hospitalidade pode ser anunciado como incondicional, verdadeiro, real ou como condicional, de direito. A hospitalidade incondicional seria aquela que oferece acolhida sem condições, sem limites, deveres ou imposições. Comparável a uma visita por ser inesperada e possuir reações surpreendentes. O encontro possibilita a troca, inversão (ou como sugere Derrida a substituição) de papéis, o hospedeiro que estava preso se liberta pelo hóspede que estava livre. Assim, a verdadeira hospitalidade não se detém somente em acolher, mas também a aventurar-se com o acolhido, a deixar-se levar, a viver o estranhamento intenso que essa relação da diferença provoca.

Enquanto a hospitalidade condicional deve fazer parte do pacto de viagem (OLIVEIRA, 2013), seria uma espécie de contrato que passa por todos os tramites burocráticos como exemplo as fronteiras, aduanas, passaportes, portas eletrônicas dentre outros. Pode ser entendida como um compromisso entre envolvidos que possuem direitos e deveres. Neste caso se aproxima a proposta de um convite que condiciona o convidado as “regras” da casa, só sendo

possível a convivência obedecendo-as. Diante disso as trocas não são tão efetivas estando mais ligados a uma ordem do jurídico e político.

A partir do conceito de hospitalidade, desenvolvido por Jacques Derrida (2003), agenciamos com as experiências no que nomeamos: a fronteira profunda, a fronteira rasa e as arquiteturas na fronteira.

### 3.1. FRONTEIRA PROFUNDA

A linha de fronteira das cidades de Jaguarão/Rio Branco (figura 2), Barra do Quaraí-Bella Unión (figura 3) e Quaraí-Artigas são unidas pela ponte, uma vez que o limite sócio-político entre os países é propiciado pela linha geográfica do rio.

A partir da observação das fotos dos viajantes, podemos apontar que assim como a casa torna-se casa quando tem a abertura da porta, a ponte torna-se morada no ato do demorar-se dos passageiros que capturaram várias fotos da paisagem sobre a ponte, embaixo dela e em seus arredores. A ponte une dois territórios, duas realidades, que estariam separadas pela imensidão do rio, tal como afirma Fernando Fuão (2012) “a abertura do túnel dá o sentido, o sentimento”. Não existe interioridade sem abertura ao estrangeiro. A abertura é condição da hospitalidade o encontro entre o que está dentro e o que está fora, é o que dá passagem à vida.



Figura 2 – Ponte Internacional Jaguarão-Rio Branco. Foto: Eduardo Rocha, 2016.



Figura 3 – Ponte Internacional Barra do Quaraí-Bella Union. Foto: Gustavo Reginato, 2016.

Se em cima da ponte dá-se a passagem, o encontro, a troca, em baixo se cobre ou encobre lugares abandonados, mas que hospedam além do rio. O que funda a hospitalidade é o lugar, não há uma relação de troca, o lugar somente oferece desde que exista a presença de quem

chega (visitante) ou de quem espera (convidado) (Fuão,2012).

Em nossa viagem encontramos diversos usos da ponte como cobertura para além da ponte como piso. Em Jaguarão/Rio Branco o comércio informal movimentada, ocupa, incomoda, vive e resiste àquele local – talvez pelo movimento dos *free shops*, tão próximos da ponte. Na fronteira de Quaraí-Artigas se preserva um parque verde que conversa com o rio e mantém um local de encontro e descanso. Por fim, em Barra do Quaraí-Bella Unión a ponte funciona como abrigo, teto, proteção para famílias.

Tanto a ponte piso como a ponte cobertura encontram a hospitalidade e hostilidade juntas, uma não existe sem a outra. A ponte como piso é aberta à passagem, acolhe, hospeda, mas possui um pacto de viagem, um contrato – aduana – que gera certa hostilidade. Assim como debaixo da ponte que acolhe/hospeda moradores de rua, mas causa certa hostilidade pela situação de abandono/exclusão.

### 3.2. FRONTEIRA RASA

A fronteira seca dada por uma rua e/ou praça em que não se tem uma delimitação tão clara de onde começa um país e termina o outro – como a divisão por um rio – é observada nas cidades de Chui-Chuy, Santana do Livramento-Rivera e Aceguá-Acegua. E entre essas fronteiras cada uma apresenta sua peculiaridade.

As cidades Chui-Chuy (figura 4) são separadas por uma rua que divide de uma maneira mais rígida, no entanto há uma permeabilidade quanto a linguagem que flutua na fronteira e se mescla, nem toda conversa é em português ou espanhol, ambos os lados criam e recriam uma linguagem original e única.

As cidades de Aceguá-Acegua (figura 5) não possuem uma divisão tão rígida, ao caminhar não sabemos ao certo em qual país nos encontramos, conversam com tanta naturalidade que se imagina ser uma cidade única. Um motivo para essa uniformização seria o caráter rural: a maioria das ruas é de saibro, a forte presença dos cavalos como meio de transporte e grandes quintais com plantações. O meio rural abraça o urbano.



Figura 4 – Linha de fronteira Aceguá-Acegua. Foto: Gustavo Reginato, 2016.



Figura 5 – Linha de fronteira Chuí-Chuy. Foto: Gustavo Reginato, 2016.

Enquanto a fronteira Santana do Livramento-Rivera é o oposto, uma cidade agitada, que tem como linha de fronteira uma praça internacional local de densidade de acontecimentos, edifícios, pessoas, sons e cheiros – a ebulição da fronteira. Essa tensão é a sensação do limite como junção. Existem algumas características urbanas que conseguem tornar mais fácil a percepção de em qual país nos encontramos. As ruas do lado Brasileiro são mais estreitas e agitadas, enquanto do lado Uruguaio são largas vias, com um movimento mais tranquilo e um tratamento diferenciado no desenho urbano das esquinas.

Essa análise nos leva a reflexão de quanto mais cidade “urbana” (densa) – prédios, movimento e agitação – mais artificial/criada é a fronteira e, quanto mais natural a cidade mais intrínseco é o limite da linha da fronteira (mais líquida e diluída). Quando a natureza divide por um acidente geográfico o homem une (a ponte), e quando a natureza une o homem divide (fronteiras).

### 3.3. ARQUITETURAS NA FRONTEIRA

Na civilização atual, no capitalismo contemporâneo, em um mundo tão cheio de restrições, a hospitalidade incondicional seria impossível de existir, uma ética complexa de alcançar. Nas

linhas de fronteira encontramos construções (aduanas<sup>11</sup>) ou restos de edifícios (ruínas). Cruzamos aduanas a pé, de carro, ônibus ou bicicletas. Arquiteturas da fronteira são espécies arquiteturas do abandono.

Na fronteira entre Jaguarão-Rio Branco (figura 6), temos um edifício aduana hospedado na própria ponte. Aduana-hospede-hostil que repulsa e coloca o hospede em momento de tensão e angústia. “*Será que vamos cruzar a fronteira?*”.

Já em Quaraí-Artigas (figura 7), precisamos parar nas aduanas, alfândegas ou receitas federais, para preencher documentos de entrada e saída dos países. São formulários, listas, documentos de identidade, passaportes e documentos de veículos. A angústia e tensão não se dá pela palavra do policial “*pode passar*”, mas pela existência de papeis, documentos e carimbos, que precisam ser completados e justificados.



As arquiteturas do abandono na fronteira são lugares que desejamos abandonar. Arquiteturas do abandono da hospitalidade condicional e da hostilidade incondicional. Aduanas que controlam os movimentos na fronteira.

São arquiteturas do abandono que não tem aparência de abandono (Rocha, 2010). São abandonos bem mais complicados, porque não aparentam estarem abandonados. Arquiteturas que se defendem e enganam por sua aparência.

Figura 6 – Aduana Jaguarão-Rio Branco. Foto: Gustavo Reginato, 2016.

Figura 7 – Aduana Quaraí-Artigas. Foto: Dianine Censon, 2016.

<sup>11</sup> Alfândega (do árabe *al-fundaq*, “hospedaria”, “estalagem”) ou aduana (do árabe *ad-diwān*, “registro”, “escritório”) é uma repartição governamental oficial de controle do movimento de entradas e saídas de mercadorias para o exterior ou dele provenientes, responsável, inclusive, pela cobrança dos tributos pertinentes. Alfândega ou Aduana são um coisa só: uma repartição sob administração federal que jurisdiciona todo o território nacional com o objetivo de controlar a entrada e saída do país de pessoas, mercadorias e veículos. É a repartição pública que controla fundamentalmente a importação e a exportação.

Esse abandono é do movimento de repulsa, da hostilidade. Arquiteturas do abandono na fronteira, assintomático – não representa. Apenas podemos perceber um tanto de vazios ao seu redor, de artificialidade (edificação) na natureza (o lugar) e da tensão que se cria.

Negação da cidade. A cidade já não é mais um cheio, é cada vez mais vazia e destituída de seu sentido original de *polis* (de polo, de cabeça de algo ou de alguém). O nada não é lugar, não é sitio, ou parte alguma. Mas o vazio não é o nada, é apenas uma aparência de ausência, disfarce. O vazio é silêncio, mas como na música com possibilidades de algo ou de alguma coisa. Na medida em que mais cresce o sentido de abandono nesse lugar-aduana, mais somos abandonados a própria sorte ou azar.

#### **4. A EXPERIÊNCIA ÉTICA NA FRONTEIRA**

A experiência, tese apresentada por Jorge Larrosa (2002), é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Sendo assim, os viajantes-nômades-pesquisadores durante o percurso pelas arquiteturas das fronteiras tiveram uma experiência corporal que deixou marcas tanto em seus *córpors*, quanto no corpo desse território. A experiência fica gravada no corpo de quem a experimenta, inserindo-o mesmo que involuntariamente, uma denominada corpografia urbana.

Um processo que orienta, desorienta e re-orienta, ou territorializa, desterritorializa e reterritorializa. O interesse do errante estaria precisamente neste momento do desterritorializar, ou do se perder, este estado efêmero de desorientação espacial, quando todos os outros sentidos, além da visão, se aguçam possibilitando uma outra percepção sensorial. A possibilidade do se perder ou de se desterritorializar está implícita mesmo quando se está territorializado, e é a busca desta possibilidade que caracteriza o errante (Jacques, 2012).

O corpógrafo se entrega às circunstâncias do ambiente vivido e o permeia, permite-se criar desvios de percurso como parte do processo. A própria dinâmica da fronteira apresenta ao corpógrafo uma variedade de caminhos, ou seja, delimitar prioridades de olhares é um desafio. Não se pode reduzi-las em mapa fixo, as fronteiras físicas não representam somente até onde o olhar enxerga, também é representado pelas cenas dos sujeitos, pelas memórias, pelo vivido, pelo experimentado.

Ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixando-se ser *afectado* e permitindo que o olhar seja também guiado pelas experiências que a cidade pode proporcionar. Numa visão de ciência nômade, na reterritorialização dos conceitos e desconstrução dos olhares. A fronteira lugar de movimento, potência, dormência e ebulição. Dispõem de arquiteturas acolhimentos à espera

de hóspedes e hospedeiros. Para nesse território flutuante, por conseguinte, a hospitalidade que também necessita de movimento, acontecer.

A espera desesperada e a errância errada. Uma espera do outro, ainda para Fuão “o outro lado” (2008), um momento de irrepresentabilidade, de fronteira, da fresta, e ao mesmo tempo de temores, de medo do que está porvir. Acaso. Deriva. Descontrole. Como o cavaleiro errante, de Dom Quixote de La Mancha (2005), de Cervantes, que nos arrasta para uma espécie de loucura, somos os lúcidos arrebatados por uma força de busca incessante não sabemos em qual porto atracaremos. Viagens do sem fim, não podem tocar a terra, não há descanso.

Caminhar, vagabundear, errar. Um *flâneur*. Vinculado aos enigmas urbanos, aos lugares de onde se pode caminhar, onde tudo pode acontecer. A errância quase como uma técnica surrealista posta a serviço da escritura dos abandonos. O *flâneur* surrealista, é aquele cujo olhar, através duma exploração voluntária do delírio, realiza um movimento revelador de trocas entre o subjetivo e o objetivo. Seu olhar apreende os objetos e, simultaneamente, é apreendido por eles.

Num mundo onde toda a errância é feita de automóvel, não há lugar para a construção de uma intimidade autêntica, uma vez que se privatiza o desejo e se abandona o pudor à manipulação externa. Num mundo onde todos se cruzam em função do fascínio do consumo, não há lugar para a descoberta da diferença. Num mundo onde as pessoas vivem fechadas, a construção de um medo estereotípico do “outro” produz racismo e desrespeito agressivo (Fuão, 2008).

Em certo sentido, é possível dizer que a “tirania do conforto invadiu o planeta como uma doença mental: esta se chama banalidade”, uma banalidade promovida por cidades que recusam suas arquiteturas do abandono na sua prática quotidiana, isto é, cidades que vivem como se não tivessem excrementos, isoladas no tempo e no espaço e envolvendo, com elas, as pessoas em espaços fechados nos quais elas (co) habitam.

É curioso como a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental, da botânica à biologia, a anatomia, mas também a gnosiologia, a teologia, a ontologia, toda a filosofia: o fundamento-raiz, *Grund*, *roots* e *foundations*. O Ocidente tem uma relação privilegiada com a floresta e com o desmatamento; os campos conquistados no lugar da floresta são povoados de plantas de grãos, objeto de uma cultura de linhagens, incidindo sobre a espécie e de tipo arborescente; a criação, por sua vez, desenvolvida em regime de alqueire, seleciona as linhagens que formam uma arborescência animal. O Oriente apresenta outra figura: a relação com a estepe e o jardim (em outros casos, o deserto e o oásis) em vez

de uma relação com a floresta e o campo: uma cultura de tubérculos que procede por fragmentação do indivíduo; um afastamento, um pôr entre parênteses a criação confinada em espaços fechados ou relegada à estepe dos nômades.

Estas “ferramentas” de desmontagem, de abandonar – correm por fora – ou seja, pensar de modo divergente, de modo precário, de modo fluido ou abrir ao perspectivismo e ao princípio de que cada narrativa não vale mais do que o seu posicionamento enraizado nos discursos que a constroem. É com Nietzsche que se abre caminho à pulverização do pensamento único, mas é preciso esperar por Deleuze para perceber que cada discurso se situa numa rede de interconexões linguísticas e práticas (a que ele chamou “rizomas”) e é, também, preciso esperar por Foucault para perceber que o que se diz não é, em absoluto, “a mais pura verdade”, mas apenas “uma” verdade entre outras, isto é, um “regime de verdade” entre vários, construído em função de crenças diversas, de ideologias variadas, de poderes múltiplos e, também, de constelações de signos não necessariamente inocentes. A errância não é um acontecimento transitório, resultado de um comportamento defectível; “ela participa da constituição íntima do ser-aí a qual o homem historial está abandonado” (Heidegger, 1984, p. 142-143).

Só um pensamento diverso, próprio de um paradigma permanentemente “a construir” (portanto aberto, pós-moderno e precário), isto é, em devir, em errância, um modelo nômada, transiente, atribui às ferramentas necessárias à denúncia política do pensamento único e, conseqüentemente, da modernidade, uma vez que só ele permite desmontar a ideia de verdade absoluta e desmascarar a inserção das palavras em perspectivas e narrativas contingentemente precárias.

Diferente das viagens turísticas, das falsas rupturas. Os nômades não viajam, são imóveis dentro de um determinado território. Nômades e nomadismo são conceitos que dizem respeito a uma forma de territorialidade específica, caracterizada pela mobilidade e dispersão geográfica e que se realiza sob o princípio da errância, o que é – como bem lembram os situacionistas – totalmente distinto da viagem turística. A viagem para o nômade é o tempo da plenitude de sua territorialidade. Para ele, seu acampamento é sempre provisório, um lugar prestes a ser abandonado. Assim, quanto mais forte o nomadismo de certo grupo cultural, menor seu tempo de permanência em um acampamento. Tal fato confere apenas aos territórios por onde realiza sua deriva – sejam eles desertos de gelo ou de areia, atravessados por esquimós ou beduínos, ou então florestas ou estepes – o espaço peculiar que dá sentido pleno à sua territorialidade.

Se nossas vidas são definidas e constituídas por entrelaçamentos entre afetos e as inteligências, do cérebro com o corpo, do espaço físico com o virtual e dos corpos com a

arquitetura, o caminhar em todas as suas formas é a busca obsessiva da satisfação total, do amor absoluto, ou até da falsa satisfação na matéria. Através do ritual de errância eterna, o amor é consagrado como potência da constituição do mundo, essa modalidade de ocupação espacial que movimentava os corpos, até o encontro perfeito (Paese, 2015).

“[...] É a errância do desejo que vai fazendo suas conexões guiada predominantemente pelo ponto de vista da vibratibilidade do corpo e sua vontade de potência” (Rolnik, 1998, p. 138). Abandonar arquiteturas é um movimento corporal, tanto no sentido de quem fica esperando – a ponte, a rua, a praça e a aduana – como do corpo que sai errante, a procura de algo que não sabe o que deseja.

Na perspectiva Lipovetskiana a era do pós-dever, a exaltação dos desejos do bem-estar individual, do ego, da felicidade por um ideal de abnegações ocorre sem dispor de sacrifício. Essa ética indolor, chamada por Lipovetsky (2005) de cultura individualista democrática, assume valores de cunho negativo e não positivo: Não seja hostil! Na era de ocaso do dever e da moral, a tolerância, a honestidade e os direitos humanos são cada vez mais exaltados. O universo da informação opera ao sacudir as ideias aceitas. Para Foucault (2004) o indivíduo procede não só enquanto agente, mas também como sujeito moral constituindo a ética como um processo dado por determinado código de ações.

## BIBLIOGRAFIA

Bondía, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. N. 19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>.

Boutang, P. A. (Diretor). *O abcdário Gilles Deleuze* [Filme Cinematográfico]. Paris, 2004.

Campigoto, José Adilçom. Narrativas e Culturas de Fronteira na América do Sul. In: *Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFG*. V. 13, N. 2, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/historia/article/view/6643>>.

Cervantes, Miguel de. *D. Quixote de La Mancha - 2 Parte*. 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.com>>.

Deleuze, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papyrus, 1998.

Deleuze, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2006.

Deleuze, Gilles. *Francis Bacon: a lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Deleuze, Gilles & Felix Guattari. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

Derrida, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.

Foucault, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Fuão, Fernando Freitas. *Sob viadutos*. 2012. Disponível em: Fuão, Fernando Freitas. *Viagem ao fim do mundo*. 2008. Disponível em: <<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/12/sob-viadutos.html>>.

Fuão, Fernando Freitas. *Viagem ao fim do mundo*. 2008. Disponível em: <[http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo\\_28.html](http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo_28.html)>.

Heidegger, Martin. *Sobre a essência da verdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Jacques, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EUFBA, 2012.

Lipovetsky, Gilles. *A era do vazio*. Barueri: Manole, 2005.

Oliveira, Jelson. *Filosofia da viagem*. Sabedoria Prática v.2. Curitiba: Editora Champagnat, 2013.

Paese, Celma. *Caminhando: o caminhar como prática socioestética*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

Popkewitz, Thomas. *Lutando em defesa da alma*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Pucci, Adriano Silva. *O estatuto da fronteira Brasil-Uruguaí*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.

Rocha, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e das artes*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2010. [tese de doutorado]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.

Rolnik, Suely. Subjetividade Antropofágica. In: P. Herkenhoff, & A. Pedrosa. *Arte Contemporânea Brasileira: um e/entre Outros*. XXIVa Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Bienal Internacional de São Paulo, 1998.

Valery, Paul. *Eupalinos ou o Arquiteto*. São Paulo: Editora 34, 1996.